



UFMG

Boletim

Nº 1.712 - Ano 37 - 27.9.2010

CARROS DE MAIS, vagas de menos

A criação de novas áreas de estacionamento, com 2.135 vagas, é uma das medidas apontadas por estudo realizado pela Pró-reitoria de Planejamento para fazer frente ao aumento do fluxo de automóveis no campus Pampulha. O levantamento mostra que há 5.452 vagas para atender 55 mil usuários.

Concluído a partir de consulta pública feita à comunidade universitária, o documento também sugere melhorias no transporte público como forma de reduzir a necessidade de uso de veículos particulares.

Página 3



Carros estacionados em ponto de ônibus em frente ao prédio da Face: uma entre as muitas irregularidades registradas no campus

ABORTO: por que a AUTONOMIA das mulheres incomoda tanto?

Claudia Mayorga*

O tema da legalização do aborto no Brasil tem sido marcado por impasses: se por um lado assistimos, principalmente a partir das conferências nacionais e internacionais de políticas para as mulheres, à construção de demandas ao Estado brasileiro pela descriminalização do aborto, inserindo o tema no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, por outro, observamos o crescimento e a explicitação de posições conservadoras por parte de grupos religiosos que aumentaram sua força política no Congresso Nacional Brasileiro e que tem construído, de forma sistemática, forte oposição em relação à questão.

Tal impasse nos coloca mais uma vez a pergunta sobre por que o aborto continua sendo um tema “intocável” na sociedade brasileira. Quais poderes e interesses estariam em jogo quando se discute o aborto legal?

Nos anos 1960 e 1970, o feminismo se consolidou como uma hermenêutica da suspeita, situando-se entre as correntes interpretativas críticas que mantiveram postura de desconfiança ante as práticas culturais, poderes e saberes monológicos e diante das totalizações *universalistas* marcadas por princípios patriarcais. As lutas das mulheres por igualdade e por reconhecimento das diferenças no campo da política e dos direitos sexuais e reprodutivos, da vivência da sexualidade e autonomia em relação ao corpo terão, como foco fundamental, a luta contra algumas *verdades patriarcais* que legitimam relações de desigualdade.

Duas dessas *verdades*, pilares fundamentais para o patriarcado, devem ser novamente problematizadas quando discutimos a autonomia sexual e reprodutiva: a noção de que as mulheres estão estreitamente vinculadas à natureza e que, portanto, a sua sexualidade se resume ao papel da reprodução e a noção de que elas, por sua capacidade “natural” de serem mães, possuem relação especial com os demais, a potencialidade de amar e se entregar incondicionalmente ao outro, mesmo que essa entrega envolva abrir mão da sua condição de sujeito.

O patriarcado, objetivado nos dispositivos de poder como a religião, a ciência, o direito, instituiu *verdades*, demarcou e construiu as mulheres como “outras”, definindo a representação masculina como o uno, o universal. Uma das críticas que se fará à noção moderna de cidadania diz respeito à exclusão das mulheres, já que elas serão definidas como o oposto do sujeito livre e igual: competirá a elas o lugar da maternidade, cuidado da família e da vida privada, pois, pela sua natureza, teriam características morais, psicológicas e intelectuais distintas, o que justificaria a sua permanência em lugares sociais bastante restritivos, sendo o controle dos seus corpos alvo prioritário do patriarcado.

O feminismo denunciará que existe forte tendência à coisificação da mulher que a leva, frequentemente, a ocupar o lugar do objeto sexual e não de pessoa; denunciará que a sua liberdade sexual e o controle do seu próprio corpo estão vedados através do culto à virgindade, dupla moral, proibição do aborto. Essa contínua vigilância manterá as mulheres em estado de infantilismo que se manifesta, por exemplo, por meio de uma dependência subjetiva à figura masculina. Assim, a mulher constituiu-se a partir de discursos que têm a peculiaridade de serem masculinos; não por simplesmente serem produzidos por homens em oposição às mulheres, mas por ter como condição de possibilidade o silêncio das mulheres.

As mulheres recebem um conjunto de atributos derivados de sua qualidade mais imediata: a maternidade. O *instinto materno* consiste em um comportamento pré-estabelecido e predeterminado em sua forma e conteúdo e é definido como um comportamento que sustenta e protege a vida. A maternidade se torna a plenitude do feminino; negar essa condição é negar a natureza, o cuidado da vida, o amor materno, a própria feminilidade. Identificar esse aspecto é importante para a compreensão de como as mulheres são heterônomas

– definidas como esposas, mães, filhas, ou seja, seres *para os outros* e não seres *com os outros*. Características como consciência, liberdade, escolha, discernimento serão historicamente negadas às mulheres. Relacioná-las com a esfera da natureza sustenta relações de desigualdade, atualizando o sistema mítico de naturalização do lugar das mulheres.

É importante destacar que os processos de estigmatização e violência vão ter papel fundamental para a manutenção dessas concepções essencializadoras e a sociedade produzirá sanções àqueles(as) que as transgridam. No caso das mulheres que realizaram ou defendem a legalização do aborto, a estigmatização está fortemente presente: quem são essas mulheres más/loucas/ignorantes/irresponsáveis/criminosas que interromperam ou defendem a interrupção voluntária da gravidez? Onde está seu instinto materno? Que monstrosidade é essa defendida e realizada por essas mulheres? Esse tipo de julgamento moralizante, culpabilizador e que criminaliza as mulheres está baseado em modelo que tem como base o seu controle através de grande pressão e violência.

O patriarcado tem atuado para negar às mulheres justamente o que pode constituí-las como sujeitos – a autonomia para falar, pensar e agir. Esse aspecto é de suma importância para o debate sobre a legalização e descriminalização do aborto, pois as vozes das mulheres, a partir das lógicas patriarcais, não são reconhecidas como legítimas para falar e agir em prol do direito de decidir. A luta pelo aborto legal é a luta das mulheres pelo direito a ser sujeito de sua própria vida – resistindo às hetero-designações e a favor da autonomia.

(Leia mais sobre o assunto na página 7)

* Professora do Departamento de Psicologia, participante do Grupo Psicologia e Feminismos e coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Psicologia Política da Fafich

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Para **FLUIR** melhor

Estudo concluído pela UFMG a partir de consulta pública aponta caminhos para melhorar a circulação viária no campus

Fred Lamêgo

Estudo realizado pela Pró-reitoria de Planejamento (Proplan), e levado a consulta pública entre os meses de junho e agosto pelo Portal da UFMG, analisou e propôs medidas para mudanças no trânsito do campus Pampulha. A providência foi tomada em função do acréscimo de veículos e pessoas provocado pela construção de novos prédios para abrigar cursos que funcionavam no Centro da cidade e pela implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que amplia o número de vagas ofertadas pela graduação.

O trabalho aborda questões relacionadas a transporte público e trânsito, com foco nas vagas de estacionamento. De acordo com o relatório, a UFMG conta com 5.452 vagas para atender 55 mil usuários. Essa carência tem gerado uma série de outros problemas, como carros parados de forma irregular, obstrução do trânsito devido ao grande número de veículos nas vias, morosidade do fluxo e desrespeito à sinalização viária. O documento propõe a criação de novas áreas de estacionamento, com 2.135 vagas, fiscalização e até cobrança de taxas para os usuários que vierem a ocupá-las.

Em relação ao transporte público, a intenção é reivindicar melhorias no serviço ofertado pela BH-Trans por meio da interlocução com a empresa responsável por sua gestão na capital mineira e a ampliação do sistema de transporte interno do campus. Assim, a comunidade acadêmica passaria a contar com meios eficazes de deslocamento, reduzindo a necessidade de uso de automóveis particulares. Outra medida indicada pelo estudo é a melhoria da sinalização, que já começa a ser planejada pela Administração Central.

Motivação

De acordo com Maria Lúcia Malard, pró-reitora adjunta de Planejamento, a elaboração do estudo foi motivada pelo grande número de reclamações recebidas de usuários da UFMG devido à falta de estacionamento. Segundo ela, esse quadro se intensificará com a chegada de outras unidades ao campus Pampulha. “Com a recente vinda da Face e da Escola de Engenharia e com a futura transferência da Faculdade de Direito e da Escola de Arquitetura, o número de frequentadores aumentará consideravelmente. Sem planejamento, a situação do trânsito da região tenderia ao caos”, explica.

Durante o período em que esteve aberta no site da UFMG, a consulta recebeu cerca de 120 opiniões sobre as propostas apresentadas no relatório, em sua maioria provenientes de estudantes. Um dos pontos mais controversos extraídos da consulta pública diz respeito à proposta de cobrança de taxas de estacionamento, que é aventada pela UFMG e poderá ser levada à apreciação do Conselho Universitário. Setores da comunidade universitária, no entanto, questionam a medida por considerarem ilegítimo o pagamento pelo uso de um espaço público.

Medidas em prática

Com base no estudo, algumas medidas já estão sendo executadas pela administração da UFMG e outras começam a ser estudadas. Entre as primeiras está a alteração no acesso ao estacionamento da Reitoria, em vigor desde a semana passada. O local foi dividido em duas áreas. Uma, composta por 180 vagas, é reservada aos professores e servidores que trabalham na Reitoria e a membros dos conselhos superiores e a outra, com 100 vagas, tem livre entrada. “Muitos profissionais se atrasavam por não encontrarem vagas nos arredores do prédio”, justifica o pró-reitor de Administração, Márcio Baptista. Para ter acesso à área exclusiva, o funcionário precisa ser cadastrado e afixar um adesivo no veículo.

Uma alternativa que ameniza a carência de vagas de estacionamento no campus Pampulha é o uso de área do Mineirão, recentemente incorporada pela Universidade em permuta com o governo do Estado, que pode abrigar cerca de 600 veículos.

Transporte reforçado

Além disso, o sistema de transporte público interno ganhou nova linha e ampliou seu quadro de horários das viagens. “A Universidade também planeja lançar mão de micro-ônibus para auxiliar as linhas internas permanentes nos horários de grande demanda”, destaca Baptista.

O elenco de propostas inclui campanhas educativas de trânsito e o incentivo ao transporte solidário, a popular carona. Segundo Márcio Baptista, a medida, combinada com a melhoria do transporte público, poderá resultar na diminuição do número de veículos circulantes no campus, já que pretende estimular pessoas que residem próximas umas das outras a utilizarem o mesmo automóvel no deslocamento para a Universidade.

Estacionamento da Reitoria: vagas reservadas para servidores que trabalham no prédio



“Queremos INFLUENCIAR”

Ana Rita Araújo

Ao final de sua primeira década de existência, o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (leat) começa a implantar mudanças que apontam para o futuro. A experiência bem-sucedida das cátedras, que trazem à UFMG pesquisadores de renome internacional, será reformulada para ampliar o prazo de convivência de alunos e professores com os convidados do exterior.

“Não queremos apenas ver ou sermos vistos; queremos influenciar”, diz o diretor Maurício Loureiro, indicando, na entrevista abaixo, o rumo que o Instituto pretende seguir.

Atuar de forma transdisciplinar é fundamental para a ciência moderna?

Como afirma o físico romeno Basarab Nicolescu, se não formos transdisciplinares o mundo vai acabar, nossa própria existência corre perigo, porque a cada aprofundamento que fazemos nas nossas buscas, nos distanciamos do outro e assim deixamos de ver o mundo como um todo. Nicolescu critica fortemente o processo de fragmentação do conhecimento, e sugere abordagens alicerçadas na compreensão das múltiplas dimensões da realidade.

Loureiro: Encontros Transdisciplinares como atividades curriculares



Alice Dacar

Em dez anos de leat, já é possível sentir a influência da transdisciplinaridade na Universidade?

Penso que sim, mas é difícil identificar até onde vai a contribuição do leat e até que ponto isso acontece como mudança de mentalidade de uma instituição como a nossa, uma universidade de excelência que vem revelando sua vocação transdisciplinar. De qualquer forma, a UFMG tomara esse rumo, por isso é difícil identificar a “culpa” do leat nesse processo. Por outro lado, meu próprio trabalho é fruto da transdisciplinaridade proposta pelo leat. Em 2007, fui anfitrião de uma cátedra, que trouxe o pesquisador em musicologia sistemática Marc Leman, da Universidade de Ghent (Bélgica), e certamente incorporei ainda mais a transdisciplinaridade ao meu trajeto acadêmico.

Qual o papel das cátedras nesse processo?

O programa de cátedras tem por objetivo abrigar, por um período, pesquisadores de excelência, para desenvolver suas atividades na UFMG. Acredito que foi a opção certa para o leat nos seus primeiros dez anos. Por intermédio delas, nossos pesquisadores conheceram pessoas de fora, mas também se conheceram aqui dentro. Ou seja, a missão das cátedras foi cumprida. Agora teremos algumas alterações – não apenas nas cátedras – em função do seminário interno Prospectando o leat, que avaliou essa primeira década do Instituto e propôs novos caminhos para os próximos dez anos.

Que caminhos foram traçados?

O que o leat procura agora não é tanto a visibilidade – não queremos apenas ver ou sermos vistos, queremos influenciar. A prioridade hoje é penetrar na Universidade, e uma das maneiras mais concretas é produzir resultados. Em vez de manter um catedrático na Universidade por um mês, pretendemos promover visitas internacionais de uma ou duas semanas, mas, ao mesmo tempo, estabelecer um programa de cátedra-residência, em que o pesquisador estrangeiro fique aqui por um período de até três meses. Com isso, ele vai ao laboratório para interagir não apenas com os docentes, mas também com o aluno de iniciação científica, de mestrado e de doutorado. Além das cátedras, são programas de excelência do leat os Encontros Transdisciplinares, que também devem sofrer alterações. Também há nova proposta para laboratórios.

O que muda nesses encontros?

Os Encontros Transdisciplinares procurarão sempre contar com a participação de um pesquisador externo, brasileiro ou estrangeiro, que vai interagir com a audiência a partir de debates com pesquisadores da UFMG. Queremos que, a partir de 2011, os Encontros, juntamente com as conferências vinculadas às Cátedras, sejam ofertadas como atividades curriculares para a graduação ou pós-graduação. A iniciativa é importante por conectar o leat à formação acadêmica nos diferentes níveis. Outra inovação – ainda em estudo – é a criação de um programa de pós-graduação em nível de mestrado que possa captar essa riquíssima capacidade transitória dos catedráticos residentes. Esse mestrado não teria linha de pesquisa definida, adotaria algo nos moldes do programa de mestrado da Universidade de Columbia (EUA), focado na “pesquisa recentemente possível”.

E o que são os laboratórios a que o senhor fez referência?

Eles reunirão diferentes grupos de pesquisa em torno de seis grandes temas: movimento humano; as novas biotecnologias e fronteiras do humano; água, recursos minerais e sustentabilidade; a questão do tempo e as várias temporalidades; espaço e cultura contemporânea; e divulgação científica e novas mídias. Acredito que chegaremos ao final do ano com, pelo menos, três desses laboratórios formalizados. O Centro de Estudos do Movimento, Expressão e Comportamento Humano (Cemech), que agrega trabalhos de pesquisadores da Música, Engenharia Elétrica, Educação, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e das Ciências do Esporte, Ciência da Computação e Belas-Artes e Linguística, é o laboratório em estágio mais avançado de consolidação.

O laboratório Tempo vai envolver a memória em seu sentido amplo – histórica e do patrimônio –, e o tempo em todas as suas dimensões: o político, o musical, o cósmico, o infinitesimal, o químico. Já o laboratório Ética e Biotecnologia abordará problemas éticos que aparecem com o novo ser humano que se prospecta com os avanços do genoma, mas também o próprio ser humano já modificado. Do mesmo modo, o grupo Espaço terá como focos o espaço urbano, o ecológico, o espaço do planeta e o da nação.

PRIVACIDADE no Facebook

DCC e instituto indiano buscam voluntários para investigar grau de exposição na rede social

Ana Maria Vieira

Pesquisa liderada pelo Brasil e pela Índia está recebendo adesão de voluntários para medir a percepção de privacidade e o grau de exposição nas redes sociais da internet. A investigação terá o Facebook como estudo de caso. Com mais de 500 milhões de usuários em todo o mundo, essa rede chega a compartilhar, mensalmente, pelo menos 30 bilhões de objetos, entre fotos, vídeos e links.

“As redes se tornaram parte do cotidiano moderno, sendo comum encontrar na mídia, a cada dia, episódios em que a reputação de uma pessoa é colocada em xeque pelo uso inapropriado dos sites de compartilhamento de conteúdo como Orkut, Facebook ou YouTube”, diz Gustavo Rauber, aluno de mestrado em Ciência da Computação da UFMG envolvido no projeto.

O estudo integra convênio de pesquisa indo-brasileiro do Ministério da Ciência e Tecnologia, executado por meio de parceria entre o Departamento de Ciência da Computação da UFMG e o Indraprastha Institute of Information Technology (III-T), de Nova Delhi. Os trabalhos têm a coordenação dos professores Virgílio Almeida (UFMG) e Ponnurangam Kumaraguru (III-T).

A investigação também deverá extrair conhecimento sobre as diferenças culturais entre brasileiros e indianos no que se refere a percepção de privacidade e segurança da informação. Situada em região de conflito em fronteiras, a Índia é confrontada de modo mais dramático com provável trânsito de informações ligadas a ações terroristas pela internet. No Brasil, a experiência de privacidade e segurança nas redes encontra contexto diferente.

A pesquisa receberá adesão de voluntários até o final de novembro. Podem participar usuários do Facebook. Informações sobre o procedimento de adesão encontram-se no site do projeto (http://www.theprivacystudy.org/policy/index_pt.html). O usuário que preferir pode instalar diretamente o aplicativo para o Facebook por meio do link www.facebook.com/apps/application.php?id=144781782200917.

“O aplicativo exibe de forma resumida como todo o conteúdo do usuário encontra-se

exposto no Facebook: se apenas os amigos podem ver suas fotos, vídeos ou links ou se os amigos de amigos ou todos os que se encontram inscritos na rede social”, explica Gustavo Rauber. Ele observa que o software coleta essas informações para poder traçar o perfil típico do usuário, se brasileiro, indiano ou de outra nacionalidade.

A participação na pesquisa inclui termo de adesão digital, que se encontra integrado na interface do Facebook. “O usuário deve aceitá-lo antes de instalar o aplicativo”, antecipa Rauber. O termo, no entanto, também pode ser acessado diretamente no endereço http://www.theprivacystudy.org/policy/index_pt.html.

“Vale ressaltar que nenhum dado pessoal coletado será publicado, busca-se apenas a obtenção de estatísticas de uso do site”, assegura o mestrando.

A título de incentivo, o projeto deverá sortear entre os participantes um iPod Touch IV de 32 Gbytes e cinco exemplares do jogo Starcraft II para PC/MAC. “Além disso, quanto mais amigos do Facebook de uma pessoa participarem do estudo, maiores serão as chances dela no sorteio”, diz Rauber.

VESTIBULAR 2011 registra mais de 70 mil inscritos

As 6.640 vagas distribuídas entre os 75 cursos do Vestibular UFMG 2011 serão disputadas por 70.113 candidatos, número 10% maior que o registrado na edição passada do concurso, segundo divulgou a Comissão Permanente do Vestibular (Copeve). Medicina é o curso mais disputado, com 54,03 candidatos/vaga, seguido por Engenharia Química (25,28 candidatos/vaga), Direito (20,02), Comunicação Social/Publicidade (19,85) e Engenharia Civil (19,68 candidatos/vaga). Em Montes Claros, os cursos mais disputados foram Agronomia (5,58 candidatos/vaga), Engenharia Agríco-

la e Ambiental (5,50 candidatos/vaga) e Administração (5,33 candidatos/vaga). A UFMG utilizará o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em substituição à primeira etapa do Vestibular para ingresso em 2011. As provas do Exame serão aplicadas nos dias 6 e 7 de novembro, e as da segunda etapa do Vestibular UFMG, de 23 a 29 de janeiro, em Belo Horizonte e Montes Claros.

Matemática e livros

Uma das novidades do concurso será a aplicação de dois tipos de provas de matemática, com nível de profundidade diferenciado, na segunda etapa. Matemática A será aplicada aos cursos de Gestão Pública, sediado em Belo Horizonte, e Administração, oferecido em Montes Claros. Já Matemática B será feita por candidatos dos demais cursos que têm esta disciplina na segunda etapa. A leitura dos livros indicados anteriormente para o Vestibular continua valendo para candidatos aos cursos de Letras, Comunicação Social, Teatro e Dança. Não haverá redação na segunda etapa, pois será utilizada a nota da redação do Enem.

CONTAGEM regressiva



Foca Lisboa

Curso de Farmácia completa 100 anos em 2011 e já prepara a festa

Giselle Ferreira

Criado em 1911, o curso de Farmácia da UFMG completou 99 anos no dia 27 de agosto, e as comemorações para o próximo aniversário já estão sendo planejadas. Ao longo de 2011, a comissão organizadora instituída pela Diretoria da Faculdade de Farmácia prevê a realização de uma série de eventos oficiais do centenário. Um dos destaques será a criação do Centro de Memória.

Segundo o diretor Lauro Vieira, o Centro abrirá suas portas no dia do aniversário de 100 anos, mas antes disso acontecerão encontros e congressos, com o intuito de dar visibilidade à história e aos projetos da Faculdade. A ideia do Centro surgiu em 2004, quando a Unidade se transferiu para o campus Pampulha, a partir de iniciativa do professor Gerson Pianetti, então diretor.

Com colaboração da professora Bethânia Figueiredo, do Departamento de História da Fafich, e seis estagiários, são desenvolvidos, desde então, pesquisas, seleções e cadastramento de peças históricas que possam integrar o acervo do espaço. Além dos mais de mil itens já escolhidos, o centro contará ainda com acervo de suporte, que poderá ser obtido por meio de acordos e permutas temporárias com outros centros de memória.

Resgate

Para Pianetti, a principal missão do centro é a de resgatar a história e a relevância da prática do profissional de farmácia junto à população. Primeira no país a implantar um departamento de Farmácia Social, a Faculdade de Farmácia da UFMG sempre valorizou o contato entre o farmacêutico e o paciente. “A partir dos anos 50, com o crescimento da indústria de medicamentos, a farmácia se transformou em loja de conveniência e o farmacêutico foi rebaixado a vendedor. O ideal, na verdade, seria que o profissional atuasse em todas as fases, desde a obtenção da matéria-prima do remédio até a orientação ao paciente. A sociedade precisa se conscientizar e exigir melhorias no sistema de farmácias vigente no Brasil”, defende Pianetti.

Nesse sentido, o centro de memória pode ser um bom instrumento para esclarecer a população e ajudar no resgate do profissional da área como pesquisador, produtor e orientador. E, para os alunos do curso, oferecerá informações sobre os antigos modos de produção e o controle de qualidade dos medicamentos antes da industrialização.

História de pioneirismo

O curso de Farmácia era inicialmente vinculado ao de Odontologia, e funcionava na Escola Livre de Odontologia de Belo Horizonte, sediada na rua Timbiras. Instalada em 1916 e programada para durar três anos, a escola formou seus dez primeiros farmacêuticos em 1918.

No ano seguinte, sua sede é transferida para a rua da Bahia, e oito anos mais tarde, em 7 de setembro de 1927, foi um dos cinco cursos a dar origem à então Universidade de Minas Gerais (UMG). Em 1953, no bairro Cidade Jardim, o bacharelado em Farmácia ganha a denominação de Farmácia-Química, e tem sua duração estendida em um ano. Dez anos depois, a escola se transforma na Faculdade de Farmácia e Bioquímica, tendo, logo em seguida, adicionado ao currículo as ênfases em Análises Clínicas e Farmácia Industrial.

As atividades de pós-graduação iniciaram-se em 1974 com a criação da especialização em Ciências de Alimentos. Em 1984, surgiram os departamentos de Farmácia Social, Produtos Farmacêuticos, Alimentos e Análises Clínicas e Toxicológicas. Sete anos mais tarde, foi criado o programa de Pós-graduação em Saúde Pública, e em 1995, o de Ciências Farmacêuticas. Há seis anos, a Faculdade transferiu sua sede para o campus Pampulha.

Da sua criação aos dias atuais, a Faculdade de Farmácia da UFMG vem desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, sempre valorizando a prestação de serviços para a comunidade universitária e a população de Belo Horizonte. Exemplo desse compromisso é o Laboratório de Análises Clínicas, que realiza exames laboratoriais para a comunidade universitária e particulares.

EXÉRCITO para médicos

A Faculdade de Medicina recebe, em 5 de outubro, representantes do Exército Brasileiro para a divulgação do serviço militar prestado por oficiais temporários da instituição em Minas Gerais e na região amazônica. A palestra acontece a partir das 10h, no Salão Nobre da Faculdade, e se destina a médicos sujeitos ao serviço militar obrigatório e profissionais de saúde, de ambos os sexos, interessados em servir como voluntários. No Exército, eles não desenvolvem as mesmas atividades de um soldado.

ABORTO e autonomia

Em celebração ao Dia pela Descriminalização do Aborto na América Latina e Caribe, o Grupo Psicologia e Feminismos, vinculado ao Núcleo de Psicologia Política da UFMG, promove, nesta terça-feira, dia 28, a partir de 9h30, o debate *Aborto: por que a autonomia das mulheres incomoda tanto?*

Marcado para o auditório Professor Baesse (quarto andar do prédio da Fafich), o evento reunirá representantes de núcleos de pesquisa e organizações de mulheres e feministas envolvidos com a temática. Mais informações na página www.fafich.ufmg.br/npp/

La SCARPETTA

Números de magia, equilibrismo, contorcionismo, música e acrobacia com ovos marcam o espetáculo teatral *La Scarpetta* (Spettacolo Artistico) com o ator Ricardo Puccetti, atração das próximas edições do Quarta Doze e Trinta (dia 29, às 12h30) e Uma Tarde no Campus (dia 30, às 17h30), na Praça de Serviços.

Dirigido por Nani Colombaioni, palhaço italiano que colaborou com o cineasta Federico Fellini, a peça provoca reflexão sobre a própria figura do palhaço, pois transforma em espetáculo artístico os seus erros e fracassos em cena. A montagem ganhou a estrada há 13 anos e, desde então, já foi apresentada em palcos, ruas, praças e picadeiros no Brasil, Espanha, Bolívia, Dinamarca, França, México, Estados Unidos, Itália e Portugal.

Os dois programas são promovidos pela Diretoria de Ação Cultural (DAC), com entrada franca.

Rede de MUSEUS

Representantes do Centro de Referência em Cartografia Histórica e do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG participam esta semana do II Seminário da Rede Informal de Museus e Centros Culturais da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RIMC), formada por 13 instituições.

Aberto ontem, dia 26, no Museu Histórico Abílio Barreto, o evento vai até esta terça-feira, 28, com discussões em torno do tema *Ações educativas*. É aberto a profissionais e estudantes de arte, educadores, pesquisadores, estudiosos de museologia e historiadores. Mais informações pelo site www.ufmg.br/rededemuseus/crch/seminario-rimc.

Materiais DIDÁTICOS

Até o dia 15 de outubro, a Pró-reitoria de Graduação (Prograd) recebe propostas para elaboração de material didático a ser utilizado em atividades acadêmicas curriculares desenvolvidas com o uso de metodologias de ensino inovadoras na UFMG. Serão selecionados 30 projetos, sendo 15 para o primeiro semestre de 2011 e 15 para o segundo.

Podem concorrer professores efetivos e aposentados da Universidade, os últimos se estiverem atuando como docentes voluntários. O projeto deve ser encaminhado à Prograd pelo professor coordenador da proposta, obedecendo às condições estabelecidas no edital, disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www2.ufmg.br/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Noticias/PROGRAD-divulga-Edital-de-Producao-de-Materiais-Didaticos>. Os resultados da seleção serão divulgados até 16 de novembro. Mais informações pelos telefones (31) 3409-6451 e 3409-6433.

EDUCAÇÃO infantil

As inscrições para candidatos a vagas na Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei) Alaíde Lisboa, no campus Pampulha, estão abertas até 15 de outubro. Elas devem ser feitas nos dias úteis na Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), localizada no prédio da Biblioteca Universitária, das 9h às 17h.

A Umei atende crianças de 0 a 6 anos. Parte das vagas é reservada a filhos de professores, alunos e servidores técnicos e administrativos da UFMG. A ficha de inscrição está disponível na página http://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Inscricao_Umei_fichainscricao.doc. Mais informações pelo telefone (31) 3409-4191.

Desenvolvimento SUSTENTÁVEL

Estão abertas as inscrições para o Seminário Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável, que acontecerá nos dias 21 e 22 de outubro, das 9h às 18h, no Auditório 1 da Face. O evento, que integra as atividades do UFMG Conhecimento e Cultura 2010, é aberto a estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados no tema. As inscrições custam R\$ 20 e podem ser feitas no site da Fundep (www.fundep.ufmg.br).

Segundo o professor Fausto Brito, diretor de Meio Ambiente e Sustentabilidade da UFMG, o evento, promovido pela Pró-reitoria de Extensão, se insere nas comemorações do ano da Biodiversidade instituído pela Unesco. "A proposta é pensar, aqui no Brasil, as grandes questões relativas à biodiversidade, desde aspectos relacionados ao clima até aos que dizem respeito às políticas públicas", enfatiza. Outras informações pelo telefone (31) 3409-4220 ou na página www.proex.ufmg.br.



BAMBAS na academia



Chris Okamoto

Batuque na Cozinha, programa da UFMG Educativa que toca e fala de samba, quer chegar ao interior de Minas

Itamar Rigueira Jr.

Carlinhos Visual e Bobô da Cuíca: harmonia entre gerações

Eo samba – quem diria, até alguns anos atrás? – chegou à universidade, para ficar. Um dos pioneiros da programação da rádio UFMG Educativa (104,5 FM), o Batuque na Cozinha comemora este mês, junto com a emissora, cinco anos de divulgação do samba autêntico, incluindo uma força especial para os compositores mineiros.

O programa é apresentado em perfeita harmonia e com muito bom humor por uma dupla que une gerações: o jovem instrumentista Bobô da Cuíca – nome artístico de Rafael Domingos de Oliveira – e o ex-músico da noite e atual produtor Carlinhos Visual.

Idealizado para dar ênfase à história do samba, o Batuque foi se tornando “mais musical”, na expressão de Bobô, até porque outros programas da emissora – como o Decantando a República e o Lá da Música – trabalham a partir de contextualizações diversas.

A permanência do programa é coerente com movimento percebido em Belo Horizonte a partir da década passada. “O samba passou a atingir outro público, universitário, de classe média, que se juntou ao pessoal dos morros para encher os bares em diferentes locais”, reflete Bobô da Cuíca, historiador formado na UFMG. “Candeia já disse, em *Dia de graça*: ‘Cante o samba na universidade’”, lembra, por sua vez, Carli-

nhos Visual. Criado na Favela da Serra (“na minha época ainda não era aglomerado”), ele está sempre pronto a ilustrar a conversa com trechos de samba.

Samba da terra

Exibido de segunda a sábado, entre 13h e 14h, o Batuque na Cozinha evita tendências como o que a dupla chama de “pagode comercial” para privilegiar o “samba de verdade”: partido alto, samba-enredo, de quadra, samba corrido. Ao fim de cada edição, Bobô apresenta uma música de acordo com temas como “a voz do compositor” (envolvendo autores pouco conhecidos como cantores), lançamentos e samba instrumental.

Os programas de sábado são dedicados exclusivamente ao samba produzido em Minas Gerais. Os apresentadores recebem um músico para conversar no estúdio e tocar ao vivo. “Um dos grandes objetivos do Batuque é fortalecer a cena autoral, contribuir para aumentar a autoestima dos compositores mineiros e vender nosso peixe”, revela Bobô, ele próprio autor de sambas e ex-integrante da banda Clã do Jabuti. Carlinhos Visual, responsável pela produção das entrevistas de sábado e pela divulgação da agenda diária do samba em Belo Horizonte, informa que eles têm arquivados CDs de muitos autores e intérpretes mineiros. “Recebemos aqui na rádio Gervásio Horta, Cabral, Fabinho do Terreiro e Irmãos Saraiva”, ele enumera.

Calangueado

Bobô da Cuíca acha difícil falar de uma clara identidade do atual samba mineiro, mas comenta que uma das marcas históricas do ritmo no estado é o “samba calangueado”. “O estilo do Martinho da Vila e do Almir Guineto tem um pé em Minas. E o Nei Lopes, sambista e pesquisador, já afirmou que o samba carioca deve muito ao calango mineiro, talvez porque morros como Salgueiro e Mangueira foram ocupados por muita gente de Minas Gerais”, conta o sambista e historiador, que utiliza sua experiência acadêmica para escolher repertório, avaliar artistas e pensar novos projetos.

Além de colaborar para unir diferentes grupos em torno do samba, Bobô da Cuíca e Carlinhos Visual querem agora levar o tema para mais longe. Com a imagem do Batuque consolidada – o que não se traduz em remuneração, eles trabalham apenas “pelo amor à camisa” –, os dois planejam espalhar a ideia pelo interior de Minas, por meio da transmissão por rádios comunitárias.

Bobô e Visual esperam patrocínio para o projeto, que contará com apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. “Os recursos vão permitir desde um diagnóstico da receptividade do programa no interior até a realização de eventos caprichados de divulgação do samba em que poderemos pagar cachês aos músicos”, explica Bobô da Cuíca.